



Olhando de longe e pensando de perto: a produção de *Casa-grande & senzala* e *Raízes do Brasil* em terras estrangeiras

Amurabi Oliveira

Universidade Federal de Santa Catarina, Rua Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n, 88040-900, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: amurabi1986@gmail.com

RESUMO. O sociólogo e antropólogo Gilberto Freyre (1900-1987), autor de *Casa-grande & senzala* (1933), e o historiador Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), autor de *Raízes do Brasil*, são considerados alguns dos principais intérpretes da sociedade brasileira, tendo produzido obras que continuam a impactar a compreensão do Brasil. Segundo alguns pesquisadores, estas foram as obras que ‘inventaram o Brasil’. Neste ensaio, busco analisar o impacto das experiências que esses autores tiveram no exterior durante o processo de produção de seus trabalhos mais conhecidos. No caso de Gilberto Freyre destaco sua formação acadêmica nos Estados Unidos, e no caso de Sérgio Buarque de Holanda, sua formação livre na Alemanha. Considero que devido às diferentes experiências acadêmicas e culturais no exterior, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda desenvolveram distintas interpretações do Brasil. Partindo da análise de suas biografias, assim como de seus trabalhos mais conhecidos, busco destacar como que algumas das principais interpretações da sociedade brasileira só foram possíveis devido à ‘diáspora intelectual’ da qual participaram esses autores, tentando compreender as influências que incidiram em seus trabalhos.

Palavras-chaves: Gilberto Freyre; Sérgio Buarque de Holanda; sociedade brasileira; cultura brasileira; pensamento social brasileiro.

Looking from afar and thinking up close: the production of *The Masters and the slaves* and *Roots of Brazil* in foreign lands

ABSTRACT. The sociologist and anthropologist Gilberto Freyre (1900-1987), author of *The Masters and the slaves* (1933), and historian Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), author of *Roots of Brazil* (1936), are considered some of the main interpreters of Brazilian society, having produced works that continue to impact the understanding of Brazil, according to some researchers, these were the works that ‘invented Brazil’. In this essay, I seek to analyze the impact of the experiences these authors had abroad during the production process of their best-known works; in the case of Gilberto Freyre, I highlight his academic training in the United States, and the case of Sérgio Buarque de Holanda, his training free in Germany. I believe that due to different academic and cultural experiences abroad, Gilberto Freyre and Sérgio Buarque de Holanda developed different interpretations of Brazil. Based on the analysis of their biographies and their best-known works, I seek to highlight how some of the main interpretations of Brazilian society were only possible due to the ‘intellectual diaspora’ in which these authors participated, trying to understand the influences that influenced their work.

Keywords: Gilberto Freyre; Sérgio Buarque de Holanda; brazilian society; brazilian culture; brazilian social thought.

Received on April 14, 2023.
Accepted on May 18, 2023.

Introdução

As interpretações do Brasil sempre tiveram uma forte relação com o olhar estrangeiro, com a possibilidade de estranhamento de nossa própria realidade, e com a possibilidade de nos distanciarmos para podermos enxergar melhor a nós mesmos. Não à toa, quando em 1840 o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) lançou um concurso sobre a melhor maneira de escrever a história do Brasil, o vencedor foi o naturalista alemão Carl Von Martius (1794-1868), que descreveu a formação do Brasil como um encontro entre três rios, representando as raças americana, branca e preta, sendo a branca a ‘superior’ que incorporaria as duas demais.

O estranhamento da realidade brasileira se dava não apenas através do olhar estrangeiro, mas também a partir da possibilidade de enxergarmos o Brasil de longe e encontrarmos, assim, novos aspectos a serem explorados. Diferentemente do que ocorreu em outros países da América Latina, as instituições de ensino superior só foram fundadas no Brasil a partir do século XIX com a chegada da família real portuguesa em 1808, de modo que sempre houve uma tradição das elites brasileiras em enviar seus filhos para a realização de estudos no exterior, com destaque para a Universidade de Coimbra em Portugal. Já no início do século XX começavam a surgir as primeiras universidades brasileiras, porém, algumas áreas como as ciências sociais ainda eram incipientes¹, e a formação de especialistas dependia tanto da vinda de professores estrangeiros para o Brasil, quanto da ida de brasileiros para o exterior para realizar seus estudos nos Estados Unidos e na Europa.

Gilberto Freyre (1900-1987) e Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) integraram a mesma geração de intelectuais, e possuíam inúmeros pontos em comum em suas trajetórias, ambos realizaram estudos no exterior e ambos escreveram obras profundamente significativas para a interpretação do Brasil. Tanto *Casa-grande & senzala*, quanto *Raízes do Brasil* são obras que refletem o profundo impacto das experiências pessoais e acadêmicas destes autores no exterior, e ambas começaram a ser escritas ainda fora do Brasil, nos Estados Unidos, em Portugal² e na Alemanha, respectivamente.

Neste artigo buscarei destacar como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda produziram suas interpretações do Brasil estando longe de seu país. Interessa-me compreender como que suas experiências fora do Brasil influenciaram na elaboração de suas interpretações do país, sem com isso implicar numa reprodução de ideias estrangeiras, mas sim elaborando novas possibilidades interpretativas da sociedade e cultura brasileiras.

É importante mencionar desde já o recorte metodológico que realizo para este trabalho, uma vez que não estou analisando as primeiras edições de *Casa-grande & senzala* e de *Raízes do Brasil* – ainda que as considere para a análise –, mas sim suas versões consolidadas, nas quais há uma incorporação das críticas realizadas, refletindo ainda a forma como ao longo dos anos seus autores passaram a ressignificar as influências recebidas no exterior. Há um diálogo, portanto, com o campo da história intelectual, porém, situo meu trabalho dentro da tradição das ciências sociais brasileiras do que se convencionou denominar de Pensamento Social Brasileiro.

Pensar o Brasil a partir dos Estados Unidos

Gilberto Freyre proveio de uma família que possuía um significativo volume de capital cultural, seu pai, Alfredo Freyre (1875-1961), era um renomado intelectual local, que o teria introduzido logo cedo na leitura de autores de língua inglesa. Gilberto Freyre realizou seus estudos no Colégio Americano Batista, no qual seu irmão mais velho já havia estudado, e a partir desta instituição ele pôde estabelecer contatos para continuar seus estudos nos Estados Unidos. Esta escola já possuía a tradição de enviar estudantes para a Universidade de Baylor, no Texas, para onde Freyre foi enviado em 1918 (Oliveira, 2023).

Esse percurso por ele realizado teve consequências profundas no modo como ele iria interpretar o Brasil em seus escritos posteriores, uma vez que ele encontrou no Sul dos Estados Unidos um espaço de comparação privilegiado com o Brasil, especialmente com o nordeste brasileiro, observando a existência de uma formação societária marcada pelo latifúndio, pela monocultura e pela escravidão. Todavia, apesar das semelhanças existentes, Freyre percebeu prontamente que as relações raciais nos dois países se davam de forma substancialmente distintas. Em seu diário de juventude, assim como nas cartas trocadas com Oliveira Viana (1883-1951), fica nítido sua descoberta paulatina do *Deep south* (Freyre, 2012). Essa ideia é reforçada em vários outros trabalhos, como no prefácio da primeira edição de *Casa-grande & senzala*:

Luisiana, Alabama, Mississipi, as Carolinas, Virgínia - o chamado 'deep south'. Região onde o regime patriarcal de economia criou quase o mesmo tipo de aristocrata e de casa-grande, quase o mesmo tipo de escravo e de senzala que no Norte do Brasil e em certos trechos do Sul; o mesmo gosto pelo sofá, pela cadeira de balanço, pela boa cozinha, pela mulher, pelo cavalo, pelo jogo; que sofreu, e guarda as cicatrizes, quando não as feridas abertas, ainda sangrando, do mesmo regime devastador de exploração agrária - o fogo, a derrubada, a coivara, a 'lavoura parasita da natureza', no dizer de Monteiro Baena referindo-se ao Brasil. A todo estudioso da formação patriarcal e da economia escravocrata do Brasil impõe-se o conhecimento do chamado 'deep south' (Freyre, 2003, p. 30-31, grifo do autor).

¹ A partir das primeiras décadas do século XX ocorreram algumas experiências de junção de faculdades isoladas a fim de formar as primeiras universidades no Brasil. No caso dos cursos de graduação em ciências sociais, apenas a partir da década de 1930 houve a fundação dos primeiros cursos.

² Gilberto Freyre começou a escrever *Casa-grande & senzala* durante seu autoexílio em Portugal após a revolução de 1930, tanto que consta no prefácio da primeira edição 'Lisboa 1931, Pernambuco 1933', indicando onde começou e terminou de escrever o livro. Porém, ainda em 1931 ele se mudou para os Estados Unidos, onde ele foi convidado para o cargo de professor visitante no Departamento de História Social da Universidade de Stanford. Ele escreveu, portanto, essa obra em três diferentes países, de modo que todas suas experiências no estrangeiro foram fundamentais para a formação de sua identidade e de seu trabalho (Motta, 1987).

É importante indicar que a comparação entre as relações raciais no Brasil e nos Estados Unidos não era algo novo, o que recorrentemente tomava como base o semelhante processo de colonização nos dois países, desdobrando-se numa interpretação de que no Brasil havia relações raciais mais harmônicas. Até meados do século XX o Brasil era percebido como um exemplo racial a ser seguido pelos Estados Unidos. Como destaca Sansone (2012):

[...] a partir dos anos de 1920 tanto acadêmicos como intelectuais negros baseados nos Estados Unidos passaram a retratar o Brasil como um alter ego da segregação vivida em seu país. [...] Para esses estudiosos afro-americanos, o Brasil era um modelo positivo para o futuro das relações raciais nos Estados Unidos (Sansone, 2012, p. 540).

Seria possível inferir, portanto, que essa interpretação sobre as relações raciais no Brasil, e sobre a singularidade delas em relação às que havia no Brasil em relação aos EUA, também tivesse influenciado o trabalho de Freyre. No entanto, como bem indica Lehmann (2008), a posição de Freyre sobre a questão racial mudou ao longo do tempo, e ainda nos anos de 1920:

[...] ele ainda exprimia sua admiração pelas tradições do Sul dos Estados Unidos, escrevendo com benevolência sobre a *Ku Klux Klan* e seus coloridos rituais, com o propósito de mostrar aos usineiros de Pernambuco o caminho do progresso técnico. Aquele jovem de vinte e poucos anos se encontrava em estado de constante disponibilidade intelectual (Lehmann, 2008, p. 337).

Certamente sua ida para a Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque, teve papel decisivo na guinada interpretativa que estava por vir na obra de Freyre. De fato esta instituição na década de 1920 foi uma das vanguardas do debate racial no mundo, o que impactou decisivamente nas reflexões de Freyre.

Apesar de seu mestrado ter sido realizado na área de História Social³, tendo como supervisor o professor Carlton Hayes (1882-1964), Freyre não se furta de fazer inúmeras referências a Franklin Giddings (1855-1931) e especialmente a Franz Boas (1858-1942), cujos elogios e referências vão sendo ampliadas ao longo do tempo. É bastante conhecida a passagem no prefácio de *Casa-grande & senzala* quando Freyre afirma que “O professor Franz Boas é a figura de mestre de que me ficou até hoje maior impressão [...]” (Freyre, 2003, p. 31), atribuindo a Boas o fato de ter aprendido a diferenciar raça e cultura. Essa distinção era pressuposto básico para a antropologia culturalista americana que emergia naquele momento, e que se mostrou como um importante fio condutor para a crítica às teorias em prol do embranquecimento racial da sociedade brasileira, que estavam bastante populares naquele momento. É sabido que Freyre realizou cursos nos departamentos de Antropologia e de Sociologia da Universidade de Colúmbia durante seu mestrado, no entanto, é possível supor também que as referências contínuas a esses nomes refletiam as próprias pretensões de Freyre de se firmar como sociólogo e antropólogo no Brasil, mais que isso, se legitimar como pioneiro nessas áreas⁴.

O fato é que Freyre pôde ter acesso a um conjunto de discussões que ainda eram incipientes no Brasil. Enquanto que nos Estados Unidos as ciências sociais haviam se institucionalizado já no começo do século XX, cujo marco inicial é a criação do Departamento de Sociologia na Universidade de Chicago em 1910; no Brasil, apenas na década de 1930 foram criados os primeiros cursos de ciências sociais (Miceli, 1979). Como indicam Burke e Pallares-Burke (2008), esse período no exterior foi relevante para Freyre não apenas em termos acadêmicos, mas também porque o encorajou a tomar distância de sua própria cultura.

Para além das influências que Gilberto Freyre reforçava continuamente em suas publicações, podemos observar outras que também ajudaram a compor seu quadro de análise. Pallares-Burke (2012) destaca como a amizade com Rüdiger Bilden (1893-1980), que fora seu companheiro de estudos na Universidade de Colúmbia, antecipou algumas de suas ideias, tendo influenciado de forma decisiva algumas das teses centrais do trabalho de Freyre, ainda que as referências ao trabalho de seu amigo tenham ficado cada vez mais rarefeitas ao longo dos anos.⁵ Por outro lado, Motta (2008) enfatiza a influência de Charles Maurras (1868-1952) que estava vinculado à *Action française*, que difundia ideias vinculadas à reabilitação da tradição.

Segundo Freyre, foi durante sua estadia nos Estados Unidos que surgiu sua necessidade de realizar uma interpretação do Brasil. Esta interpretação envolvia, sobretudo, a questão da miscigenação, compreendida

³ Seu trabalho de mestrado intitulado *Social life in Brazil in the middle of the 19th century* e foi publicado no periódico *Hispanic American Historical Review*, volume 5 (Freyre, 1992).

⁴ Gilberto Freyre recorrentemente afirmava que fora o primeiro catedrático em sociologia no Brasil ao realizar o ensino associado à pesquisa, referindo-se ao curso de sociologia que lecionou na Escola Normal de Pernambuco no final da década de 1920, e também indicava que possivelmente havia sido o primeiro professor de uma cátedra de antropologia cultural no Brasil, referindo-se ao período que lecionou na Universidade do Distrito Federal na década de 1930 (Freyre, 2003; Oliveira, 2019a). É importante mencionar, no entanto, que tal narrativa se vincula, sobretudo, à própria autorrepresentação que o autor conta acerca de si mesmo, o que vem sendo questionado por algumas pesquisas mais recentes (Araújo, 2005; Motta, 2008).

⁵ É relevante destacar que Freyre e Bilden faziam parte de uma rede internacional com outros estudiosos brasileiros e americanos. A rede foi fundamental para a constituição dos Estudos Afro-brasileiros (Sansone, 2012).

como um fenômeno biológico e cultural. No prefácio da primeira edição de *Casa-grande & senzala* ele indicou o seguinte:

Creio que nenhum estudante russo, dos românticos, do século XIX, preocupou-se mais intensamente pelos destinos da Rússia do que eu pelos do Brasil na fase em que conheci Boas. Era como se tudo dependesse de mim e dos de minha geração; da nossa maneira de resolver questões seculares. E dos problemas brasileiros, nenhum que me inquietasse tanto como o da miscigenação (Freyre, 2003, p. 31).

Chamo atenção também para a referência à Rússia nesse prefácio, pois a comparação com esse país tornou-se recorrente, chegando a denominar o Brasil de ‘Rússia americana’, numa referência à diversidade étnica e grande extensão territorial (Oliveira, 2022). A miscigenação como eixo central de análise da sociedade brasileira surgiu de fato para Gilberto Freyre durante seu período nos Estados Unidos. Porém, após seu período na América do Norte, Freyre também viajou pela Europa, ampliando suas experiências culturais e seus contatos acadêmicos.

Como destaca Meucci (2015), Freyre tinha uma relação bastante próxima com as oligarquias locais, e se tornou secretário de Estácio Coimbra (1872-1937), que havia sido vice-presidente da República (1922-1926) e governador do estado de Pernambuco em duas ocasiões (1911-1911, 1926-1930). Essa proximidade com as oligarquias locais é um elemento relevante para a compreensão da interpretação que ele realizou do Brasil, uma vez que ele observou o Brasil a partir de sua profunda relação com a ideia de tradição e de região. Esta ligação também teve implicações com seu destino após a chamada revolução de 1930, que levou Getúlio Vargas (1882-1954) à presidência, pois, neste período Estácio Coimbra foi destituído do poder e se exilou na Europa, sendo acompanhado por Gilberto Freyre.

Segundo o próprio autor, foi entre os Estados Unidos e Portugal que o livro surgiu, indicando a seguinte cronologia:

Essa primeira pesquisa resultara, desde 1926, e de minha permanência, naquele ano, em Washington, numa multidão de notas: cadernos e cadernos repletos de apontamentos, quase todos a lápis, sobre assunto aparentemente pobre, recolhidos na mais seleta das brasileiras daquela época: a coleção Oliveira Lima na Pontifícia Universidade Católica da capital dos Estados Unidos. Tal pesquisa eu a retomaria em Lisboa, de 1930 a 1931, dando maior atenção ao material que se referisse à mulher e ao escravo, dentro do complexo patriarcal-escravocrático que de Portugal se comunicara ao Brasil, ampliando-se imensamente em terra americana e em ambiente tropical (Freyre, 1968, p. 127).

Em 1931, quando ainda estava em Lisboa, Gilberto Freyre foi convidado para ser professor visitante no departamento de História Social da Universidade de Stanford, tendo permanecido lá durante o *spring semester*. É neste período que ele começa a organizar o material que daria origem a seu trabalho mais conhecido, *Casa-grande & senzala*. Foi longe de casa que Freyre começou a escrever sobre o Brasil. Ainda segundo Freyre (1968, p. 128): “Foi na Universidade de Stanford que tomou corpo o meu projeto desse livro: um livro que fosse uma nova reconstituição, uma nova introspecção e uma nova interpretação de uma sociedade de origem europeia desenvolvida, com elementos extra-europeus de etnia e de cultura”.

Pensar o Brasil a partir da Alemanha

Sérgio Buarque de Holanda nasceu em São Paulo em uma família de classe média, seu pai era pernambucano, assim como Gilberto Freyre. Sua formação inicial ocorreu na capital paulista, tendo sido aluno de Afonso de Taunay (1876-1958), que o estimulou muito precocemente no campo da história. Residir em São Paulo também possibilitou uma aproximação com movimento modernista da década de 1920, de modo que quando ele se mudou com sua família em 1921 para o Rio de Janeiro, ele foi nomeado por Mário de Andrade (1893-1945) e Oswald de Andrade (1890-1954) representante da revista Klaxon naquela cidade. É importante compreender que o movimento modernista assumiu um papel de vanguarda cultural no Brasil, estabelecendo o que Miceli (1979) denominou de ‘substituição de importação’ de bens culturais, estimulando assim uma produção nova de interpretação do país em diferentes aspectos. No Rio de Janeiro, Holanda realizou seus estudos na Universidade do Brasil, tornando-se bacharel em ciências jurídicas e sociais.

Ainda durante os anos de estudante de Direito, Holanda passou a conciliar seus estudos com a escrita de artigos para jornais e revistas, tendo trabalhado para *O Jornal* que posteriormente foi incorporado ao *Diários Associados* de Assis Chateaubriand (1892-1968). Ainda na década de 1920, fortemente influenciado pelo movimento modernista, Holanda fundou com Prudente de Moraes Neto (1902-1977) a revista *Estética*, que teve apenas três números, publicados entre 1924 e 1925. Depois do fracasso desta revista, Holanda se afastou da crítica literária, e também foi se

distanciando paulatinamente do próprio movimento modernista, tendo como marco de ruptura a publicação do artigo 'O lado oposto e outros lados' em 1926 (Holanda, 1926)⁶. É válido ainda ressaltar que em *Raízes do Brasil* Holanda retoma a crítica à inteligência nacional, que estaria calcada em um conhecimento ilustrado, predominando a importação de soluções ou de ideias de fora (Holanda, 1995).

Em 1929 foi enviado pelo *O Jornal* para cobrir os acontecimentos da Polônia, Rússia e Alemanha, tendo permanecido neste último país até 1931. Ele não conseguiu obter o visto para Rússia, e não se adaptou ao frio excessivo da Polônia, tendo se fixado em Berlim. É neste período que Holanda realizou sua transição da crítica literária para a história. Foi em Berlim, portanto, que Holanda se descobriu historiador, ainda que também tenha sido um observador da vida cotidiana em Hamburgo e Leipzig (Costa, 2014).

Descobri um livro interessante – ainda tenho vários livros daquele tempo –, um livro do Kant sobre Frederico III. Eu me lembrava que o Nietzsche dizia para ele o grande Frederico era o II, por isso fiquei intrigado e comprei. Não só o primeiro volume – mais tarde, nos Estados Unidos, encontrei o segundo volume num sebo e consegui comprar. O fato é que daí me veio a idéia para esses assuntos históricos, para uma abordagem maior. Eu sempre tive certa curiosidade por isso (Holanda, 2004, p. 7).

Neste período, autores como o historiador Leopold von Ranke (1795-1886) influenciaram decididamente a formação de Holanda, assim como outros intelectuais alemães. Segundo Holanda (1982), ele teria assistido (ainda que não de forma sistemática) aulas de Friedrich Meinecke (1862-1954), além de ter lido Ernst Kantorowicz (1895-1963) e Werner Sombart (1863-1941), e por meio deste último ele teria chegado a Max Weber (1864-1920). Ainda de acordo com o próprio autor, ele teria sido possivelmente o primeiro brasileiro a citar Weber por escrito, tendo vivenciado intensamente o clima político e cultural da República de Weimar (1919-1933), entrando em contato com figuras da literatura de vanguarda (Holanda, 1982).

Percebamos que Holanda destaca não apenas as influências intelectuais recebidas na Alemanha, como também a experiência social, cultural e política que vivenciou neste país. Durante o período em que esteve na Alemanha ele vivenciou o apogeu e o início do declínio da República de Weimar, assim como o crescimento do Nazismo. De forma concomitante, o Brasil vivenciava a chamada Revolução de 1930, que demarcou o início de um período de inflexão democrática no país, aprofundada posteriormente com o Estado Novo (1937-1945), que decretou o início de uma ditadura civil. Podemos afirmar que esse contraste de experiências também marcou a experiência de Holanda na Alemanha, assim como as ideias que desenvolveria posteriormente.

Sabe-se que *Raízes do Brasil* tornou-se um livro que fazia uma defesa radical da democracia liberal ao longo do tempo, de modo que a passagem da primeira para a segunda edição foi fundamental nesse processo. Todavia, é inegável que o contato com esse contexto sociopolítico é que possibilitou a Holanda perceber as possibilidades abertas por esse caminho.

Um ponto relevante a se destacar também desta fala de Holanda diz respeito a sua afinidade com autores irracionistas e antidemocráticos, pois, apesar de afirmar tão categoricamente esse afastamento em relação a tais pensadores, em verdade o que se pode observar efetivamente é que é na passagem da primeira para a segunda edição que tal movimento ocorre, quando tais autores são expurgados de forma literal ou simbólica (Waizbord, 2011). Mesmo a influência de Meinecke em seu trabalho tem sido questionado por alguns autores contemporâneos; por exemplo, Mata (2016) chega a indicar que não apenas os cursos oferecidos por Meinecke no período que Holanda estava na Alemanha se voltavam para temas que dificilmente coadunavam com as temáticas ou os períodos históricos de que trata *Raízes do Brasil*, como também que devido ao fato de que tais cursos foram ofertados na modalidade *privatim* – na casa do historiador alemão e abertos a um número muito limitado de participantes – dificilmente Holanda sem ser aluno regular da Universidade teria tido acesso a qualquer uma das sessões destes cursos.

É importante mencionar, no entanto, que também estamos analisando aqui um processo de autorrepresentação, uma vez que a sedimentação de Holanda no campo disciplinar da história ocorre *a posteriori*, de modo que essas falas representam um olhar retrospectivo de Holanda sobre sua própria trajetória. Como bem destaca Carvalho (2017):

⁶ Neste artigo, Holanda demarcou seu distanciamento com aqueles que considerava os escritores tradicionais do Brasil, alguns deles nomeados por ele: Graça Aranha (1868-1931), Guilherme de Almeida (1890-1969), Ronald de Carvalho (1893-1935), que daria continuidade à tradição da "poesia e literatura bíbelô". Ele também criticou os modernistas, especialmente aqueles que se engajaram em uma concepção intelectualista da cultura brasileira. Ao final, destacou os escritores que considerava os mais brilhantes daquela geração, como Oswald de Andrade (1890-1954), Prudente de Moraes Neto (1904-1977), Couto de Barros (1896-1966), Antônio de Alcântara Machado (1901-1935), Manuel Bandeira (1886-1968), Mário de Andrade (1893-1945) e Ribeiro Couto (1898-1963). Vale notar que Ribeiro Couto cunhou o termo homem cordial, que mais tarde se tornaria central na obra de Holanda.

O historiador se empenha então em delimitar um novo começo a partir da viagem para a Alemanha, cinco anos depois do encerramento das atividades em torno de *Estética*. Conta que, farto de leituras, chegou a distribuir sua biblioteca entre os amigos antes de partir, ‘sobretudo os [livros] de literatura’. O período no estrangeiro, pela experiência cultural do deslocamento, parecia a oportunidade adequada para a ‘revisão de ideias velhas’ (Holanda, 1979: 29). Apesar disso, o Buarque de Holanda que agora revisitava seu passado lamentava que parte daquela experiência tivesse resultado em equívocos. Se, de um lado, o deslocamento contribuiu para a formação de um olhar diverso sobre as coisas do Brasil, de outro, as leituras alemãs daquele tempo não mais lhe agradavam (Carvalho, 2017, p. 707-708, grifo nosso ou do autor).

Todavia, seria exagero dizer que Holanda tardou em vislumbrar sua atuação no campo da história, uma vez que além da cátedra de Literatura Comparada, ele também assumiu a cátedra de História Econômica na recém-criada Universidade do Distrito Federal.⁷ Holanda participou intensamente da vida cultural em Berlim, frequentando concertos e eventos. Além de suas atividades junto ao *O Jornal*, também escrevia para a revista *Duco*, publicada pela Câmara de Comércio Brasil-Alemanha, traduziu filmes alemães para o português. Em termos de capital social, tornou-se amigo do escritor Theodor Däubler (1876-1934), entrevistou Thomas Mann (1875-1955), além de frequentar o círculo acadêmico em torno do poeta Stefan George (1868-1933).

Além de escrever sobre os acontecimentos na Alemanha, Holanda também estava imbuído da missão de desmistificar para os estrangeiros alguns estereótipos sobre o Brasil, passando a escrever regularmente para a revista *Brasilianisch Rundschau*, na qual escrevia sobre a história e a formação social, cultural, política e econômica do Brasil. Este exercício de tradução de sua própria cultura para outra sociedade implicou num esforço intelectual por parte de Holanda, que possibilitou a ele uma oportunidade única de reexaminar a realidade brasileira. Como ele mesmo indicou, foi a partir desta reflexão de sua própria cultura para um público estrangeiro que ele iniciou o projeto de seu livro *Raízes do Brasil*.

Para a revista bilíngue escrevi artigos tentando explicar o Brasil aos alemães. É ‘só quando você se afasta que começa a ver seu próprio país inteiro’. Você tem uma perspectiva diferente. E o Brasil não é fácil de entender; é difícil. Quando pararam de publicar a revista e voltei ao Brasil no final de 1930, trazia comigo um velho caderno de umas 400 páginas para um livro que pretendia chamar-se Teoria da América. Nunca o publiquei, mas dois capítulos do que viria a ser (em 1936) *Raízes do Brasil* foram desenhados quase intactos daquelas páginas confusas (Holanda, 1982, p. 5-6, grifo nosso, tradução nossa).⁸

Holanda voltou para o Brasil, portanto, com o embrião do que viria a ser *Raízes do Brasil*, algo que ele só finalizaria cinco anos depois. Na verdade, quando ele viajou para a Alemanha já possuía algumas notas, frutos principalmente das conversas com Prudente de Moraes Neto, porém, os autores alemães reorientaram suas reflexões. Seria possível afirmar que além das influências intelectuais sofridas fora, ele também foi impactado pelas obras publicadas no Brasil neste intervalo entre seu regresso ao país e a publicação de seu livro. Não sem menor relevância, é preciso chamar atenção que essa narrativa produzida a posteriori além de procurar legitimar o próprio lugar de Holanda no campo da história, também busca reforçar o *locus* da Universidade de São Paulo no campo das ciências humanas e sociais no Brasil.

Em 1933 Gilberto Freyre publicara *Casa-grande & senzala*, apresentando teses que em grande medida foram criticadas por Holanda em trabalhos posteriores, especialmente com relação à predominância do patriarcado no Brasil. Notadamente, a primeira edição de *Raízes do Brasil* possui mais aproximações com *Casa-grande & senzala* que a segunda, o que pode ser observado principalmente a partir da avaliação que Holanda realiza acerca da herança ibérica, pois, se na primeira edição esta herança representa um obstáculo firme à modernização, a partir da segunda ela é reconfigurada como uma desagregação cada vez mais veloz, pois o processo de modernização apontaria para a consolidação do espaço público, a despersonalização e a racionalização (Feldman, 2013).

De volta ao Brasil, Holanda continuou a trabalhar como jornalista, e em 1936 foi nomeado professor de História na Universidade do Distrito Federal, e quando esta instituição foi fechada em 1939, ele passou a atuar no Instituto Nacional do Livro. Em 1946 se mudou para São Paulo onde dirigiu o Museu Paulista, além de lecionar na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Em 1958 se tornou professor da Universidade

⁷ Esta universidade foi fundada em 1935, tendo uma curta vida, uma vez que em 1939 ela deixou de existir, tendo sido incorporada à Universidade do Brasil. Também Gilberto Freyre foi professor no mesmo período nesta instituição, tendo lecionado tanto disciplinas relacionadas ao campo da sociologia quanto da antropologia (Oliveira, 2019a).

⁸ For the bilingual magazine I wrote articles attempting to explain Brazil to the Germans. It is only when you get far away that you begin to see your own country whole. You get a different perspective. And Brazil is not easy to understand; it's hard. When they stopped publishing the magazine and I returned to Brazil at the end of 1930, I brought with me an old notebook of some 400 pages for a book I intended should be called Teoria da America. I never published it, but two chapters of what eventually (in 1936) became Raízes do Brasil were drawn almost intact from those messy pages.

de São Paulo, apresentando a tese de livre docência intitulada *Visões do Paraíso*, outra obra que ele iniciou quando estava fora do Brasil, desta vez em Roma.

O Brasil e seus espelhos

Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda possuem elementos semelhantes em suas trajetórias, pois além de pertencerem à mesma geração, ambos pertenciam a famílias de classe média com um grande volume de capital cultural e social. Ao passo que Holanda se aproximou do movimento modernista da década de 1920, Freyre capitaneou o movimento regionalista na mesma década, situando-se assim no outro polo da discussão cultural e intelectual do Brasil. Em todo caso, ainda que participassem em grupos intelectuais distintos na década de 1920, ambos estavam engajados nos processos de transformação cultural pelos quais o Brasil passava naquele momento, porém representavam projetos culturais e intelectuais que estavam também em disputa (Rocha, 2012).

Segundo Vianna (1995), a celebração da mestiçagem e da cultura popular como emblemas de ‘autenticidade’ estavam presentes entre os modernistas paulistas da década de 1920, porém foi a obra de Freyre que sintetizou da melhor forma a afirmação do Brasil mestiço. Ainda que a partir de caminhos e propostas distintas, tanto o movimento modernista do qual Holanda se aproximou, quanto o movimento regionalista, do qual Freyre se considera a principal liderança, propunham se aproximar da ‘cultura brasileira’, o que implicava também em encontrá-la e delimitá-la.

Como já indicado anteriormente, a ideia de que a cultura brasileira seria formada pela mistura de diferentes raças e culturas não era uma ideia nova, e estava presente no imaginário nacional, ainda que esse imaginário também tivesse como pressuposto a existência de determinada hierarquia entre essas raças. Neste sentido, poderíamos afirmar que a sociedade brasileira era formada não apenas pela mistura, mas também pela separação e hierarquização.

Segundo Bastos (2006), havia determinados aspectos em comum que poderíamos encontrar nos trabalhos escritos a partir da década de 1920.

Encontrei nesses ensaios, como pontos temáticos principais, dois elementos - a questão da cultura e a busca da identidade nacional - elementos estes que lhes dão unidade. Em outros termos, os autores buscam respostas à indagação: afinal, que país é este? Os textos são marcados pela necessidade de discutir o problema da formação, característica da produção intelectual das regiões de constituição nacional recente.

Esses trabalhos assumem, no contexto em que são produzidos, um caráter imaginário: procuram ‘inventar’ a cultura para legitimar a ‘invenção’ da identidade nacional. O autor que conseguir articular esses dois elementos terá decifrado o dilema e dará o salto para uma nova etapa dos estudos sociais (Bastos, 2006, p. 61, grifo da autora).

Essas questões mais gerais certamente atravessaram as obras de Freyre e de Holanda, porém, isso não seria o suficiente para indicarmos a existência de uma unidade. Botelho (2010), por exemplo, chama a atenção de que a busca por uma unidade entre os ensaios interpretativos do Brasil produzidos entre as décadas de 1920 e 1940 é mais um exercício de atribuição que de inferência, tendo sido algo produzido pelas gerações posteriores de cientistas sociais. Isso significa que apesar de podermos encontrar alguns pontos em comum nestes trabalhos, especialmente em termos de temática, há uma profunda heterogeneidade interna entre esses trabalhos.

Tanto *Casa-grande & senzala* quanto *Raízes do Brasil* foram sendo modificados no decorrer do tempo, incorporando e respondendo às críticas ao longo das novas edições. Dentre essas modificações há inclusive diálogos entre essas duas obras (Oliveira, 2019b). Chama a atenção o fato de que *Raízes do Brasil* inaugurou a coleção Documentos Brasileiro da editora José Olympio, esta coleção era dirigida por Gilberto Freyre que também escreveu o prefácio para a primeira edição deste livro, porém a partir da segunda edição esse prefácio foi excluído. Mata (2016) chega mesmo a destacar a hipótese de que as alterações realizadas na segunda e terceira edições visavam mitigar o componente sociológico do livro e obliterar a influência de Gilberto Freyre. É importante mencionar que a passagem da primeira para a segunda edição é algo decisivo para *Raízes do Brasil*, pois, como bem destaca Feldman (2013):

Ao longo dessas edições, as mudanças feitas por Sérgio Buarque afetaram não apenas as ‘perguntas decisivas’ de 1936, mas também e sobretudo certas ‘respostas cruciais’ oferecidas naquele momento, que foram objeto de significativas reorientações. Por isso, delinear as preocupações e as soluções apresentadas no livro é tarefa que requer abordagem diacrônica (Feldman, 2013, p. 120, grifo do autor).

Ainda de acordo com Feldman (2013), poderíamos sintetizar as mudanças ocorridas entre a primeira e as edições seguintes do seguinte modo: Holanda se afastou da resignação pragmática com a cordialidade e se aproximou ceticamente de uma promessa de civilidade, de modo que o *status* de clássico que ele livro possui foi sendo elaborado a partir dessas mudanças. No caso de Freyre, as diversas edições de *Casa-grande & senzala* contaram principalmente com novos prefácios escritos pelo próprio autor para responder às críticas que surgiram, cuja tônica foi sendo modificada ao longo do tempo, principalmente quando surgiram as primeiras gerações de cientistas sociais profissionais no Brasil. Como destaca Sorá (1998), recorrentemente Freyre era classificado a partir de sociólogos vinculados à Universidade de São Paulo como um autor regional, todavia devemos considerar que:

A ideia de região é muito poderosa na história cultural brasileira. Nada impede pensar que Florestan e os da 'sua geração' estavam pensando mais São Paulo que Freyre Recife. Ambos disputando representar o Brasil com projetos civilizadores e em um mundo de nações. Ambos buscando a glória da universalidade e criando a arbitrariedade sobre seu país (Sorá, 1998, p. 138, grifo do autor).

Raízes do Brasil, por outro lado, sofreu modificações mais substantivas entre suas diferentes edições, sendo a mais considerável entre a edição de 1936 e 1948, na qual há um evidente afastamento das influências alemãs recebidas por Holanda. Para Schlegel (2017):

Na edição revisada, a herança ibérica ganha sinal predominante negativo. Afetividade, familismo e personalismo são entraves para a modernização política e a democracia não tem incompatibilidade de fundo com o país. A estrada para a modernidade define-se pela ruptura com o tradicional. O país precisa de uma revolução vertical, que traga à tona seus 'elementos mais vigorosos' (Schlegel, 2017, p. 10, grifo do autor).

É importante mencionar ainda que a *Raízes do Brasil* foi publicado no mesmo ano que *Sobrados e mucambos* de Freyre, obra considerada continuação de *Casa-grande & senzala*, cuja segunda edição também foi publicada em 1948, com um prefácio que respondia às críticas feitas por Holanda a seu trabalho, ainda que seu nome não seja mencionado diretamente (Oliveira, 2019b).

Talvez possamos tomar como fio condutor de nossa argumentação a forma como em ambos os trabalhos a tradição ibérica é interpretada, o que se relaciona também à utilização das referências teóricas que cada um dos autores incorporou a partir de suas experiências no exterior. Se por um lado, Freyre reabilita a imagem do colonizador Português, reafirmando a importância de sua plasticidade para a formação da sociedade brasileira; por outro, Holanda apesar de chegar a positivar certos aspectos da herança ibérica na primeira edição de *Raízes do Brasil*, demonstra a partir da edição de 1948 como tal herança cultural tem sido um empecilho para a consolidação de uma sociedade democrática.

Tanto na interpretação de Freyre quanto na de Holanda encontramos o 'outro' como um elemento comparativo contínuo, que possibilita a elaboração da interpretação do Brasil. Em *Casa-grande & senzalas* o Brasil é apresentado como uma sociedade *suis generis*, que a partir de um conjunto de influências em sua formação conseguiu produzir 'a primeira civilização nos trópicos', através de uma miscigenação no nível biológico e cultural. A escravidão no Brasil teria sido 'mais doce' que em outras partes do mundo, e o africano teria ocupado um papel civilizador na sociedade brasileira, sendo também um co-colonizador (Bastos, 2006).

Apesar de não dar a mesma ênfase que Freyre, Holanda destaca que no Brasil havia uma 'relativa inconsistência dos preconceitos de raça e de cor', que seria um dos fatores que facilitaram a disseminação das ideias democráticas no Brasil (Holanda, 1995, 1984). Assim sendo, poderíamos dizer que Holanda também foi influenciado pelo que se convencionou denominar de 'mito da democracia racial'. É verdade que a expressão 'democracia racial' não foi cunhada por Freyre, tampouco é utilizada por ele em seus trabalhos (Lehmann, 2008), porém ela é continuamente atribuída a seu trabalho, devido à pouca ênfase que ele deu ao preconceito racial e de cor no Brasil (Motta, 2000).

É inegável que o Brasil possui uma população bastante miscigenada, e que nossa cultura reflete esse fenômeno, no entanto, é importante considerar que a miscigenação não ocorre num contexto de simetria de poder e não faz desaparecer o racismo de nossa sociedade. Neste sentido, poderíamos compartilhar com Hall (2006) sua análise acerca da sociedade caribenha, que também vivenciou o processo colonial.

Não se quer sugerir aqui que, numa formação sincrética, os elementos diferentes estabelecem uma relação de igualdade uns com os outros. Estes são sempre inscritos diferentemente pelas relações de poder-sobretudo as relações de dependência e subordinação sustentadas pelo próprio colonialismo (Hall, 2006, p. 34).

Estas questões não estavam no horizonte de Freyre, que no contraste com a experiência americana via no Brasil mais simetrias do que assimetrias. De forma sintética, podemos dizer que para Freyre a miscigenação amalgamou as relações raciais (Araújo, 2005), possibilitando o que ele denominou de ‘equilíbrio de antagonismos’ entre o senhor e o escravo.

Já a comparação que Holanda realizou se desdobrou em uma avaliação bastante negativa sobre a realidade brasileira, indicando que a democracia aqui nunca passou de “um mal entendido” (Holanda, 1995). É bem verdade que sua crítica ao personalismo tornou-se mais enfática a partir da edição de 1948 de *Raízes do Brasil* (Schlegel, 2017), porém é essencialmente a partir da comparação com outros modelos democráticos que Holanda analisou o Brasil.

Souza (2019) numa crítica contundente à análise de Holanda e de outros intérpretes do Brasil refuta a ideia de que o personalismo, ou o ‘jeitinho’ seriam características idiossincráticas do Brasil, uma vez que o uso de capital social na vida cotidiana também está presente em outras sociedades, inclusive naquelas com a formação sócio-histórica substancialmente distinta da brasileira.

Por fim, é importante indicar que Freyre apesar de sua formação acadêmica americana, também incorporou em suas leituras intelectuais alemãs, e o próprio Holanda o ajudou na tradução de alguns textos. Porém, o uso que Freyre realizou de autores como Georg Simmel (1858-1918), ou mesmo Max Weber, o levou a outra direção. No prefácio da segunda edição de Sobrados e Mucambos, Freyre indica que partiu da distinção de Simmel entre forma e substância para afirmar que o patriarcado ainda que assuma diversas formas (Freyre, 2006), continua sendo central na formação da sociedade brasileira em diferentes regiões (Oliveira, 2019b). Para Motta (2000, 2008) Freyre representa uma posição profundamente anti-weberiana na interpretação do Brasil, ao defender a ideia de que a modernidade brasileira se assenta numa cultura luso-católica, arraigada nas tradições, e não no crescente processo de racionalização da vida, nos moldes da cultura protestante.

Considerações finais

No decorrer deste curto ensaio buscou-se enfatizar os impactos da vivência no estrangeiro de dois dos principais intérpretes da sociedade brasileira, demonstrando como que suas obras mais conhecidas refletem suas experiências acadêmicas e culturais no exterior. Apesar de haver diferenças substantivas entre as duas experiências formativas, pois Freyre realizara completamente sua formação acadêmica de nível superior nos Estados Unidos, ao passo que Holanda realizou estudos mais livres na Alemanha – algo que, como exposto no texto, também tem sido problematizado –, é importante compreender que ambos foram responsáveis pela difusão de ideias e conceitos que até então eram pouco conhecidos no meio intelectual brasileiro.

Em grande medida, as avaliações substancialmente distintas que Freyre e Holanda realizam da sociedade brasileira refletem seus distintos referenciais teóricos, assim como a apropriação que eles realizam dos mesmos. Do mesmo modo, as edições posteriores refletem também uma reavaliação que eles fizeram das influências recebidas, Freyre cada vez mais passou a se reafirmar como um discípulo de Boas, na medida em que Holanda tornou sua obra *Raízes do Brasil* cada vez menos alemã.

Para ambos os autores foi necessário se deslocar, sair de seu lugar, de seu país para observar melhor o Brasil, para pensar seus dilemas, seus desafios. Freyre encontrou em seu deslocamento elementos em comum com o Brasil lá fora, especialmente com o Sul dos Estados Unidos, e isso o levou a uma busca pela compreensão da singularidade cultural brasileira, pelo entendimento sobre como realidades tão similares poderiam ser ao mesmo tempo tão distintas. Holanda, por outro lado, encontrou uma realidade totalmente distinta, arraigada em princípios fundamentais da democracia liberal, indagando-se sobre o porquê dela não florescer no Brasil.

Em suma, sem esses deslocamentos, sem estes afastamentos, acredito que tais interpretações do Brasil não teriam sido possíveis. Pensar o país a partir de novos referentes e novos horizontes foi uma tarefa encarada pela geração de Freyre e de Holanda, e que, possivelmente, encontra nesses dois autores suas figuras mais emblemáticas.

Referências

Araújo, R. B. (2005). *Guerra e paz. Casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. São Paulo, SP: Editora 34

- Bastos, E. R. (2006). *As criaturas de prometeu: Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira*. São Paulo, SP: Global.
- Botelho, A. (2010). Passado e futuro das interpretações do país. *Tempo Social*, 22(1), 47-66.
DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702010000100003>
- Burke, P., & Pallares-Burke, M. L. (2008). *Gilberto Freyre: social theory in the tropics*. Oxford, UK: Peter Lang.
- Carvalho, R. G. D. (2017). Tentativas de mitologia (1979), escrita de si e memória de Sérgio Buarque de Holanda. *Estudos Históricos*, 30(62), 701-720. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2178-14942017000300010>
- Costa, S. (2014). O Brasil de Sérgio Buarque de Holanda. *Sociedade e Estado*, 29(3), 823-839.
DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922014000300008>
- Feldman, L. (2013). Um clássico por amadurecimento: Raízes do Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 28(82), 119-140. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092013000200008>
- Freyre, G. (1968). *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília, DF: Editora UnB.
- Freyre, G. (1992). *The Hispanic American Historical Review*, 5(4), 597-630.
DOI: <https://doi.org/https://doi.org/10.2307/2506062>
- Freyre, G. (2003). *Casa-grande & senzala*. São Paulo, SP: Global.
- Freyre, G. (2006). *Sobrados e mucambos*. São Paulo, SP: Global.
- Freyre, G. (2012). *Tempo morto e outros tempos*. São Paulo, SP: Global.
- Hall, S. (2006). *Da diáspora: Identidades e mediação culturais*. Belo Horizonte, MG: Editora da UFMG.
- Holanda, S. B. (1926). O lado oposto e outros lados. *Revista do Brasil*, 1(1), 9-10.
- Holanda, S. B. (1982). An interview with Sergio Buarque de Holanda. *Hispanic-American Historical Review*, 62(1), 3-17.
- Holanda, S. B. (1995). *Raízes do Brasil*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Holanda, S. B. (2004). Corpo e alma do Brasil – entrevista de Sérgio Buarque de Holanda. *Novos Estudos CE-BRAP*, 2(69), 3-14.
- Lehmann, D. (2008). Gilberto Freyre: a reavaliação prossegue. *Horizontes Antropológicos*, 14(29), 369-385.
DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000100015>
- Mata, S. (2016). Tentativas de desmitologia: a revolução conservadora em Raízes do Brasil. *Revista Brasileira de História*, 36(73), 63-87. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-93472016v36n73-005>
- Meucci, S. (2015). *Artesania da sociologia no Brasil: contribuições e interpretações de Gilberto Freyre*. Curitiba, PR: Appris.
- Miceli, S. (1979). *Intelectuais e a classe dirigente no Brasil*. São Paulo, SP: Difel.
- Motta, R. (1987). Gilberto Freyre: uma lembrança (1900-1987). *Revista de Antropologia*, 1(30/32), 559-574.
- Motta, R. (2000). Paradigms in the study of race relations in Brazil. *International Sociology*, 15(4), 665-682.
DOI: <https://doi.org/10.1177/0268580900015004006>
- Motta, R. (2008). Reação a Max Weber no pensamento brasileiro: o caso de Gilberto Freyre. *Estudos de Sociologia*, 2(13), 185-206.
- Oliveira, A. (2019a). A identidade disciplinar de Gilberto Freyre e a institucionalização acadêmica da antropologia no Brasil. *Etnográfica*, 23(3), 537-555. DOI: <https://doi.org/10.4000/etnografica.7139>
- Oliveira, A. (2019b). Gilberto Freyre e o Brasil meridional. *Sociedade e Estado*, 34(1), 241-259.
DOI: <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-201934010010>
- Oliveira, A. (2022). The slavs in the work of Gilberto Freyre: between american russia and poles in Brazil. *Studia Iberystyczne*, 21(1), 141-160. DOI: <https://doi.org/10.12797/SI.21.2022.21.08>
- Oliveira, A. (2023). *Gilberto Freyre & a educação*. Recife, PE: Editora Massangana.
- Pallares-Burke, M. L. (2012). *O triunfo do fracasso: Rüdiger Bilden, o amigo esquecido de Gilberto Freyre*. São Paulo, SP: Editora Unesp.
- Rocha, J. C. C. (2012). Sergio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre: raízes de uma rivalidade literária. *Dicta & Contradicta*, 1(9), 10-28.
- Sansone, L. (2012). Estados Unidos e Brasil no Gantois: o poder e a origem transnacional dos estudos Afro-brasileiros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 27(79), 9-29, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092012000200002>

- Schlegel, R. (2017). Raízes do Brasil, 1936: o estatismo orgânico como contribuição original. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 32(93), 1-37. DOI: <https://doi.org/10.17666/329307/2017>
- Sorá, G. (1998). A construção sociológica de uma posição regionalista: Reflexões sobre a edição e recepção de Casa-grande & senzala de Gilberto Freyre. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 13(36), 121-140. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69091998000100008>
- Souza, J. (2019). *A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro*. São Paulo, SP: Estação Brasil.
- Vianna, H. (1995). *O Mistério do samba*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Waizbort, L. (2011). O mal-entendido da democracia: Sergio Buarque de Hollanda, Raízes do Brasil, 1936, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 26(76), 39-62. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092011000200003>